

EXECUTIVE
BREAKFAST

TRANSPORTES: UM SETOR EM MUDANÇA

05 MAIO 2015 | 08:30
RITZ FOUR SEASONS



TRANSPORTES: INOVAÇÃO É APOSTA PARA GARANTIR FUTURO

Os transportes estão em profunda mudança. Por exigências de conjuntura e de mercado. Cada vez mais centrado no cliente e nas suas necessidades, o setor terá que se ajustar a novos conceitos de mobilidade e a uma nova realidade. Sabendo como rentabilizar os ativos de forma inteligente. A inovação assume-se como uma grande aposta e as TIC como uma ferramenta essencial neste processo. Internet das coisas, sensorização, big data ou cloud são hoje apostas de todos os players para conseguir ter novos modelos de gestão e novas ofertas diferenciadoras. Através da aposta em verdadeiras parcerias com os seus fornecedores de tecnologia.

No Executive Breakfast APDC sobre “Transportes: um setor em convergência”, que reuniu os principais players do setor, foram abordadas as grandes tendências, como o foco no utilizador, a necessidade de gestão e otimização dos ativos, a crescente virtualização e a integração em sistemas de mobilidade para garantir cidades inteligente. Estes eram já desafios identificados no estudo “Tendências”, da APDC, cuja análise se centrou nas infraestruturas de transportes e nos operadores de transportes coletivos.

O crescimento da população mundial assume-se como a grande tendência nos Transportes, colocando uma pressão acrescida sobre o setor. Já é hoje visível o aumento do número de passageiros em todos os tipos de transportes.



Mike Greenan, Rail and Transport
Infrastructure Director da ALTRAN



Sessão de Debate "Transportes: um Setor em Mudança"

Mas a pressão vai aumentar, estimando-se que em 2020, em média cerca de 60% da população viverá nas cidades. O desafio é pensar como construir uma infraestrutura gerível para tanta gente, destaca Mike Greenan, Rail and Transport Infrastructure Director da Altran e Key-note Speaker desta iniciativa. Para este responsável, que apresentou o tema "Transports: Trends and Challenges - Opportunity for Innovation", há que "construir ativos físicos cada vez mais eficientes, fornecer melhor conectividade e gerar mais dados a partir dos seus ativos", o que se traduz num grande desafio para todos os protagonistas. Especialmente tendo em conta as dificuldades atuais na gestão do sistema e do tráfego.

Mas esta é uma oportunidade para a inovação. Especialmente por via de aposta na utilização inteligente dos dados que são gerados, tanto pelos ativos dos operadores de transportes como pelos passageiros e pelos seus dispositivos. São dados que podem ser analisados e convertidos em informação útil para usar na transformação do sistema de transportes num sistema ultra-eficiente, criando-se nomeadamente novos

sistemas mais complexos e sustentáveis. A área da bilhética é uma das apostas mais óbvias.

"Hoje, só olhamos apenas para uma pequena parte dos dados produzidos. Mas no futuro, teremos que olhar cada vez mais para eles e saber como os usar para melhorar o sistema", refere o orador, destacando que a dificuldade está em gerir este sistema, cada vez mais complexo. Um sistema que exige uma "nova forma de pensar para sabermos como gerir melhor o setor" e uma "nova forma de pensar a infraestrutura" e onde o potencial de inovação é enorme, tanto para os operadores de transportes como para as empresas TIC.

ACCELERAR DESENVOLVIMENTO ATRAVÉS DAS TIC

Mas como estão os operadores a olhar para o mercado? E como vêm o futuro? Num debate moderado por Bruno Casadinho, da Altran, onde estiveram presentes líderes dos operadores de infraestruturas e de transportes, o debate foi aceso em torno da necessidade de mudança, das tendências dominantes e do papel das TIC no



Os responsáveis da Estradas de Portugal/Refer, Transportes Intermodais do Porto/CP, Barraqueiro e Thales debateram as mudanças que estão a ocorrer na mobilidade e as tendências que marcam o setor

desenvolvimento e no futuro do setor. Cada vez mais focados no cliente e nas suas necessidades, os players não têm dúvidas de que tudo está em profunda transformação. E de que as TIC deverão assumir-se como um verdadeiro parceiro num processo de evolução e/ou disrupção.

Começando por discordar do orador inicial, já que não antecipa para Portugal e para a Europa nenhuma tendência demográfica significativa em termos de aumento dos volumes de mobilidade das pessoas, António Ramalho considera que haverá no entanto uma inevitável reorganização e concentração dos transportes nos centros urbanos. Que irão responder nomeadamente ao significativo aumento da mobilidade virtual, consequência de um mundo cada vez mais digital. Por isso, o presidente da Estradas e Portugal e da Refer e futuro líder da Infraestruturas de Portugal, em processo de criação e que resultará

da fusão das duas empresas, antecipa que haverá alterações substanciais na mobilidade urbana.

Não tendo dúvidas de que “vamos ter que encontrar conceitos novos do ponto de vista de mobilidade global”, sendo que cada solução concreta dependerá das características próprias de cada cidade, terá que se “compatibilizar a gestão dos fluxos e das frequências, destruindo os horários, no caso dos transportes de concentração urbana. E vamos ter que trabalhar a reconstrução dos horários dos transportes intercidades. Isto vem alterar o paradigma do modelo da mobilidade”, com a mobilidade de mercadorias a ganhar uma nova dimensão, já que esta é que tenderá a crescer.

Em paralelo e cada vez mais, o modelo dos transportes deixará de dar prioridade ao

ambiente para se centrar num modelo energético. Considerando o atual sistema de transportes “um modelo claramente dos anos 60 e que está a ir calmamente à falência”, não tem dúvidas de que terá que se ajustar a uma nova realidade que não é de crescimento. “Vamos ter que ajustar as respostas a mobilidades diferentes”, de acordo com os movimentos que o mercado impõe. O que “não retira nada da importância da adoção de soluções co-modais. E vamos tê-las, sobretudo porque a gestão de infraestruturas se vai basear em dois conceitos: serviços ajustados e low-cost. Inevitavelmente, estas serão as soluções que a infraestrutura vai impor”.

Num cenário em que há que saber como se vão gerir os ativos já existentes, já que o negócio entrou em modelo de maturidade típica, que “obriga a concentrar na cadeia de valor e em ganhar dinheiro”, António Ramalho destaca a importância da sensorização, da internet das coisas, do big data e dos novos providers de informação. Estes são desafios e oportunidades para as TIC, que terão que ganhar capacidade de resposta para o setor dos transportes

ultrapassar os constrangimentos com que ainda se defronta. Aproveitar todo o potencial das TIC nestas áreas permitirá novos modelos de gestão dos ativos e a disponibilização ao mercado de ofertas diferenciadoras.

E enquanto representante das infraestruturas, garante que haverá “alterações profundas no modelo de gestão da circulação. Com gestão à distância e com pouca intervenção humana. É bom que os gestores de infraestruturas pensem nisso, porque se não o fizerem serão outros a trabalhar este aspeto. Como já aconteceu na gestão da informação, que era propriedade da infraestrutura e é hoje um ótimo negócio dos gestores tecnológicos. Porque a infraestrutura nunca percebeu que tinha aqui um negócio”.

Cristina Dias, Presidente da Transportes Intermodais do Porto e Vice-presidente da CP, considera mesmo que o setor é “um setor em transformação convergente”. Com a população cada vez mais concentrada nas grandes cidades, os transportes têm o desafio de ajudar no crescimento sustentável e verde. Especialmente



Mais de 100 participantes das TIC e do setor dos transportes estiveram nesta iniciativa da APDC

os transportes públicos, que vão “ajudar ao crescimento, competitividade e coesão”.

Cada vez mais, o setor assenta em sistemas inteligentes, que devem ser intermodais, integradores e inclusivos. E aqui, as tecnologias são “instrumentais para evoluir”. “Num tempo em que temos clientes cada vez mais exigentes e recursos cada vez mais escassos, temos que olhar de forma muito parcimoniosa para os nossos ativos e como é que os vamos rentabilizar”, considera, destacando que Portugal tem excelentes exemplos de como os sistemas de informação ajudam a prestar o melhor serviço ao cliente.

Por isso, o desafio que deixa às TIC é de que “olhem para o mercado público e para a suas reais necessidades e qual deve ser efetivamente o foco da nossa atividade. O futuro passa por nos libertarmos das atividades que não nos trazem mais-valias para o que de facto estamos focados em fazer. As TIC ajudam a agilizar isso e trazem inovação no fazer”. Não tendo dúvidas que os transportes são “recetores absolutos da inovação que as TIC podem trazer para vendermos mais”, defende que é preciso ter “sistemas de informação que nos ajudem a criar, a crescer e a aportar valor”.

E cita o caso do big data, onde o setor é um “fornecedor de excelência”. A questão é que é preciso saber como fazer e o que fazer para poder fazer crescer a receita. “Ainda estamos a olhar para o parque infraestrutural que temos, que é antigo e apensar como é que possamos começar a fazer a externalização do que não é core para a nossa atividade”.

PARCERIAS COM AS EMPRESAS TIC SÃO VITAIS PARA IMPULSIONAR SETOR

O movimento de modernização dos transportes através da aposta nas TIC já é uma aposta de há algum tempo, porque o setor percebeu que o driver do crescimento e da melhoria da qualidade do serviço tem que ser a inovação, que permite sustentabilidade e novos produtos que respondem às necessidades do mercado. Para Silva Rodrigues, Assessor da administração do Grupo Barraqueiro, está generalizada a ideia de que o foco está no utilizador. E é este foco que permite melhorar o desempenho, tanto em termos de produtos e serviços como de sustentabilidade. Tendo sempre em conta que “os mercados e os clientes são diferentes. E que neste setor, a segmentação não pode deixar de estar presente. Temos que ser capazes de pensar com alguma disrupção. Fora da caixa”.

Mas, mais do que os transportes, defende que é o tema da mobilidade que tem que ser pensado. “Porque as necessidades de mobilidade vão ser crescentes e temos que ser capazes de ir ao encontro e antecipar respostas que possam colmatar e melhorar o que são as necessidades dos diferentes mercados”, refere. Não tendo dúvidas de que “as cidades têm vários problemas que se vão acentuar”, é necessário encontrar soluções de transportes que garantam sustentabilidade ambiental, energética e financeira, assim como competitividade para as cidades. Por isso, “há que fazer alguma reflexão sobre os transportes e reinventar os modelos de negócio que se mostraram insustentáveis”, nomeadamente em temas como a contratualização do serviço

publico, o seu financiamento ou a regulação do setor, onde há muito trabalho a fazer.

Para Silva Rodrigues “temos problemas que temos que resolver, exigindo-nos imaginação e criatividade para pensarmos em novas respostas”, que terão que ter em conta a segmentação dos mercados e as adequadas ofertas. Aqui, áreas como a bilhética poderão ajudar a conhecer o mercado e as suas necessidades, através da produção de dados. Por isso, é importante que as empresas TIC se assumam como “parceiros de negócio e percebam que há parcerias que se poderão desenvolver com interesse para os dois setores. E com interesse para a sociedade”. Porque há um enorme potencial de melhoria e de crescimento. Alerta ainda para a necessidade de, para se ter sucesso, haver “uma perspetiva de sistema e uma gestão integrada do sistema. Em Portugal, não há um dono do sistema. Cada operador, público ou privado, vai fazendo o que pode, quando e como pode”,

Tendo todos os operadores uma verdadeira panóplia de informação, falta uma “gestão integrada da informação adequada e a efetiva capacidade no big data, para perceber o que é relevante para o negócio. E aproveitar isso em benefício do cliente e da empresa, aportando valor”. Neste âmbito, é preciso ter soluções intermodais e de co-modalidade. E ter capacidade para definir o que é core para o negócio, externalizando as demais atividades. “Este é um novo modelo de negócio para qualquer empresa, perante a escassez de recursos e a necessidade de rentabilização dos ativos. Temos que olhar para quem faz melhor e mais barato. Estamos num setor que o que faz não é barato”, pelo que

a adoção de soluções standartizadas pode ser um caminho. No entanto, o “grande desafio é criar-se um espírito de parcerias. Percebendo que o crescimento de uns depende dos outros e que nos podemos potenciar. Temos que saber criar valor para as nossas empresas, setores e economia”.

E perante esta realidade, como se posiciona um fornecedor de infraestruturas, tendo em conta que os investimentos dos transportes pararam? De acordo com João Salgueiro, Director Business Development, Product and Innovation da Thales, a empresa está a focar-se no fornecimento das tecnologias e de soluções. A que acresce a preocupação “de ir buscar financiamento que ajude e responda aos desafios e expectativas dos operadores de transportes”. Este é “um desafio e um problema para os fornecedores de tecnologia a que há que saber dar resposta, com uma mudança de mindset e “dentro de padrões razoáveis”.

Destaca que “a essência está no espírito de parceria. Tem que existir mesmo. Ganhando e aprendendo uns com os outros. Quando uma das partes é deixada sem espaço de manobra, não é parceria. Tudo se resume ao equilíbrio numa parceria em que ambos ganham”. A Thales está ainda a criar um innovation hub em Portugal para pegar em ideias e convertê-las em serviços e soluções para o mercado, “porque há necessidade de adaptação e de trabalhos de customização”, numa altura em que a Internet das coisas e o big data são uma realidade e há que saber aproveitar toda a informação que pode ser retirada da rede e dos clientes e transformá-la em valor.



Mike Greenan

Rail and Transport Infrastructure
Director da ALTRAN

"O setor já está a responder ao aumento da população nas cidades em todos os tipos de transportes. Mas este é um grande desafio para todos os protagonistas. Hoje já é muito difícil gerir o sistema e o tráfego está a crescer todos os dias"

"Hoje, só olhamos apenas para uma pequena parte dos dados produzidos. Mas no futuro, teremos que olhar cada vez mais para eles e saber como os usar para melhorar o sistema"

"O desafio é gerir um sistema ultra complexo. A chave está nos dados. Temos que usar todos os dados dos diferentes sistemas e dispositivos. Trata-se de uma nova forma de pensar para sabermos como gerir melhor o setor"

"Neste processo, há enormes oportunidades para os fornecedores de comunicações. É preciso pensar nas várias formas de comunicação para ter dados, recolher a informação e transformá-la em serviços em todas as áreas"



António Ramalho

Presidente da Estradas de Portugal
e da Refer

"A sensorização, a internet das coisas, o big data e a captura da cadeia de valor do nível de aplicações vão influenciar decisivamente as TIC e o sistema de transportes. O setor terá que se ajustar a uma nova realidade"

"Terão que ser criadas soluções co-modais. E vamos tê-las. Sobretudo porque a gestão de infraestruturas se vai basear em dois conceitos: serviços ajustados e low-cost. Inevitavelmente, estas serão as soluções que a infraestrutura vai impor"

"Trabalhamos muito com o conceito de cloud. Mas não estamos a viver um momento de cloud mas de fog. Há muita informação dispersa mas dentro de uma espécie de nevoeiro informativo sobre o qual temos dificuldade de sermos muito seletivos"

"Haverá alterações profundas no modelo de gestão da circulação. Com gestão à distância e com pouca intervenção humana. É bom que os gestores de infraestruturas pensem nisso, porque se não o fizerem serão outros a trabalhar este aspeto. Como já aconteceu na gestão da informação, que era propriedade da infraestrutura e é hoje um ótimo negócio dos gestores tecnológicos"



Cristina Dias

Presidente da Transportes
Intermodais Porto
e Vice-presidente da CP

"Chegou o momento de dar prioridade ao transporte público. É ele que vai ajudar ao crescimento, competitividade e coesão. Este é um setor em transformação e convergente. E suportado numa ferramenta fundamental: sistemas inteligentes, que devem ser intermodais, integradores e inclusivos"

"Os sistemas de informação são instrumentais para o setor evoluir. Num tempo em que temos clientes cada vez mais exigentes e os recursos disponíveis são cada vez mais escassos, temos que olhar de forma muito parcimoniosa para os nossos ativos e como é que os vamos rentabilizar"

"O desafio que deixo às TIC é que olhem para o mercado público e para a suas necessidades e qual deve ser efetivamente o foco da atividade. O futuro passa por nos libertarmos das atividades que não nos trazem mais-valias. As TIC ajudam a agilizar isso e trazem inovação no fazer"

"Somos recetores absolutos da inovação que as TIC nos podem trazer para vendermos mais. Precisamos de sistemas de informação que nos ajudem a criar, a crescer e a aportar valor"



José Silva Rodrigues

Assessor da Administração
do Grupo Barraqueiro

"A ligação entre transportes e TIC, enquanto provider para a modernização e para potenciar as respostas adequadas do setor, é grande. E o driver do crescimento e da melhoria da qualidade do serviço é a inovação, que permite a criação de novos produtos que respondem às necessidades do mercado"

"Temas como a contratualização do serviço público, o seu financiamento, a regulação e a qualidade dessa regulação- onde há muito trabalho a fazer – não podem ser ignorados. E não se pode ir para uma lógica simplista. Temos problemas para resolver que nos exigem imaginação e criatividade para pensarmos em novas respostas"

"Todos temos uma panóplia gigantesca de informação. O que nos falta é a adequada gestão integrada da informação e a efetiva capacidade de perceber o que é relevante para o negócio. Aproveitando isso em benefício do cliente e da empresa, aportando valor e trazendo inovação na própria forma como nos relacionamos com o mercado"

"Há que definir o que é core para o negócio, externalizando o que não é core. Este é um novo modelo de negócio para qualquer empresa, perante a escassez de recursos e a necessidade de rentabilização dos ativos. O grande desafio de todos é criar-se um espírito de parceria. Percebendo-se que o crescimento de uns depende dos outros e que nos podemos potenciar"



João Salgueiro

Director Business Development,
Product and Innovation da Thales

"Nos transportes, uma componente fundamental é ainda o modo como os players interagem como seu utilizador e lhe dão informação. Podemos usar a tecnologia para ir muito além do óbvio, que é apresentar a informação. Com novos tipos de comunicação e informação mais segmentada"

"Queremos focar-nos no fornecimento das tecnologias e soluções. Mas percebemos também claramente que temos que ter outra preocupação: ir buscar financiamento que ajude e responda aos desafios e expectativas dos operadores"

"Este é um desafio e um problema para os fornecedores de tecnologia. Mas como tudo muda, esse é o desafio. Estamos a mudar o mindset para poder acompanhar essa tendência, dentro de padrões razoáveis"

"A essência está no espírito de parceria. Tem que existir mesmo. Ganhando e aprendendo uns com os outros. Quando uma das partes é deixada sem espaço de manobra, não é uma parceria. Tudo se resume a um equilíbrio, em que ambos ganham"



PATROCINADORES APDC



APOIANTES APDC



APOIANTES II APDC

ALTRAN

CGI

DELOITTE

GFI

IBM

MICROSOFT

SAS

PARCEIROS

JLM & ASSOCIADOS

VIATECLA



O UPDATE tem como objectivo disponibilizar informação estruturada sobre cada uma das iniciativas promovidas pela APDC. Pretende-se facilitar, a todos os interessados, um arquivo com os conteúdos mais relevantes de cada evento, que poderá ser consultado em www.apdc.pt